

A construção de sentido para o “trabalho sujo”: trajetórias de vida de faxineiras

Mariana Caeiro (PUC MINAS) - mariana-caeiro@hotmail.com

Antônio Carvalho Neto (PUC Minas) - antoniocarvalhoneto1@gmail.com

Ludmila de Vasconcelos Machado Guimaraes (CEFET MG) - ludmilavmg@gmail.com

Resumo:

O objetivo desta investigação reside na compreensão do processo de construção de sentido para o trabalho das faxineiras. A maioria das pessoas que ocupam cargos ligados à limpeza, asseio e conservação é constituída por mulheres: trabalhadoras invisíveis, sujeitas a múltiplas formas de invisibilidade, daí sua escolha como sujeitos desta pesquisa. As clínicas do trabalho são abordagens valorosas nesse tipo de investigação, e no caso deste estudo especificamente, adotar-se-á a psicossociologia, uma vez que ela oferece bases para as reflexões feitas sobre o “trabalho sujo” e a invisibilidade social, os quais caracterizam o trabalho das faxineira. Diante do objetivo proposto, as trajetórias de vida se mostram como metodologia apropriada porque possibilitam ao pesquisador apreender aspectos subjetivos das vivências no trabalho, a partir de um recorte, não necessariamente cronológico, na biografia dos sujeitos pesquisados. Dada a ausência de investigações semelhantes na área, considera-se fundamental promover tal discussão sobre o trabalho sujo e sobre a invisibilidade social na área da Administração.

Palavras-chave: *sentidos do trabalho; psicossociologia; trabalho sujo; invisibilidade; trajetórias de vida*

Área temática: *GT-06 Diálogos sobre o Trabalho*

Contextualização e Objetivo

Os impactos da qualidade de vida no trabalho e os sentidos atribuídos a este último começaram a ser estudados pelos psicólogos Hackman e Oldham (1976). No entanto, esses estudos ganharam mais amplitude e profundidade somente a partir da década de 1980, devido à reestruturação produtiva da economia, que impactou diretamente o mundo do trabalho (Spinelli-de-Sá & Lemos, 2015, Andrade, Tolfo & Dellagnelo, 2012).

Algumas indefinições permeiam o tema sentidos do trabalho, as quais tem relação com a dificuldade de se diferenciar os termos sentidos e significados do trabalho, principalmente devido a especificidades linguísticas e de tradução (Andrade, Tolfo & Dellagnelo, 2012; Bendassoli, Coelho-Lima, Pinheiro & Siqueira Gê, 2015). Tratar a questão dos sentidos e significado do trabalho implica, ainda, falar em função psicológica do trabalho, pois a atividade laboral cumpre situar o sujeito no mundo e, por essa razão sentidos, significados e função psicológicas tornam-se constructos indissociáveis (Bendassoli & Gondim, 2014).

Nessa linha, destaca-se o que apontam Rodrigues e Barrichello (2015), quando esses autores afirmam que, apesar de serem termos facilmente definidos por meio da intuição e do senso comum, são difíceis de explicar. Afinal, caracterizar um trabalho como dotado (ou não) de sentido perpassa pela subjetividade de quem o avalia e, ainda, por fatores sociais e culturais.

Observa-se a produção de diversos estudos que abordam os sentidos do trabalho para os indivíduos (MOW, 1987; Morin, 2001; Tolfo & Piccinini, 2007; Bendassoli, 2009; Ono & Binder, 2010, Pinto, Paula, Lobato & Boas, 2015). Em relação ao Brasil, a produção nessa temática intensificou-se a partir dos anos 2000, especialmente no campo da Psicologia, com o predomínio de abordagens qualitativas. Além disso, destaca-se que os estudos da década de 1990, principalmente, foram seminais devido à influência sofrida pelas pesquisas do MOW (1987), como apontam Bendassoli et al. (2015).

Apesar das diferentes filiações teórico-epistemológicas, as investigações acerca do tema sentidos/significados do trabalho convergem por geralmente considerarem a relevância das questões culturais e sociais. Isso quer dizer que, de maneira geral, os estudos que abordam essa temática tratam de um sujeito que constrói e é, ao mesmo tempo, construído por aspectos sociais (Tolfo, Baasch & Cugnier, 2011).

A pesquisa de Spinelli-de-Sá e Lemos (2015) se deteve em mapear a literatura brasileira acerca dessa temática no campo da Administração, utilizando, para tanto, o portal eletrônico Spell, da ANPAD. Os resultados apontaram para o fato de que a maioria dos artigos nacionais publicados sobre sentidos/significados do trabalho utiliza como base teórica o modelo do MOW (1987), sem explorar outras construções teóricas. Destaca, ainda, que esse achado consiste em um paradoxo, pois as pesquisas nacionais, em sua maioria, mesmo utilizando o modelo do MOW, consistem em estudos qualitativos, enquanto os estudos do grupo MOW (1987) possuem um caráter eminentemente quantitativo (Spinelli-de-Sá & Lemos, 2015).

Diante desse fato, este estudo pretende contribuir com as pesquisas sobre sentidos do trabalho, por meio da utilização de um arcabouço teórico diferente daquele convencional. Isso significa que, apesar de se reconhecer a importância e contribuição dos estudos desenvolvidos a partir do grupo MOW (1987), esta pesquisa utilizará como referencial a psicossociologia, entendendo-a como clínica do trabalho.

Nessa direção, a psicossociologia oferece um olhar mais amplo sobre a dinâmica sujeito-trabalho. Dessa maneira, mesmo reconhecendo a importância do trabalho para a sociedade como um todo, esta clínica não o coloca como "único elemento em torno do qual se organiza o drama humano" (Amado & Enriquez, 2011, pp. 104).

Em relação aos sujeitos escolhidos nesta investigação, ou seja, as faxineiras, chama-se atenção para a divisão sexual do trabalho, a qual se estabelece nas construções sociais de gênero e que resulta na concepção de que há atividades consideradas para homens e outras para mulheres. Isso implica, basicamente, que às mulheres é atribuída a responsabilidade pela reprodução e cuidado com o lar, enquanto do homem se espera a manutenção das despesas financeiras da casa.

Esse fato somado à questão da qualificação (Holzmann, 2006; Bruschini, 2000), de certa forma, acaba por condicionar a participação feminina no mercado de trabalho. De acordo com Hirata (citada por Mariuzzo, 2006, p. 3), prevalece, portanto, a ideia de que existem “guetos femininos” de trabalho, com é o caso do trabalho de faxina.

É comum encontrar no campo da Administração pesquisas que abordam as vivências subjetivas e as percepções de trabalhadores que ocupam posições de alto status nas empresas, como gerentes, supervisores, diretores. Ao passo que aqueles que se encontram na “base da pirâmide” não recebem a mesma atenção, no sentido de serem alvo em pesquisas que abordem a subjetividade.

Em relação às mulheres trabalhadoras esse padrão se repete. Afinal, as pesquisas realizadas na área têm como foco aquelas que ocupam posição de destaque nas organizações. Há muitos estudos que abordam a questão das mulheres executivas ou empreendedoras (Tonon & Grisci, 2015; Lourenço, Ferreira & Brito, 2013; Carvalho Neto, Tanure & Andrade, 2010). Sendo assim trazem questões que, muitas vezes, podem não ser as mesmas experimentadas por aquelas mulheres que não ocupam cargos de gestão, como é o caso daquelas que trabalham fazendo faxina das empresas.

Isso nos leva a refletir sobre o fato de que todo trabalho implica julgamentos em termos de valor e prestígio, e ao se fazer tal julgamento acerca de um determinado trabalho, contamina-se, também, aquele que o exerce, de forma a influenciar sua percepção de autoimagem (Lhuillier, 2005; Lhuillier, 2014). Dessa maneira, há postos de trabalho mais ou menos valorizados do que outros, sendo que essa percepção acerca de seu valor decorre, muitas vezes de julgamentos que nada têm a ver com a utilidade daquele trabalho para a sociedade, ou seja, não levam em consideração a importância daquela atividade em si.

Esses juízos são carregados das impressões das pessoas que os criaram. Portanto, ao se falar em determinado trabalho, este, inevitavelmente, traz consigo os mais diversos aspectos valorativos – positivos e/ou negativos – que, por sua vez, podem afetar a autoimagem daqueles que a exercem.

Essa discussão sobre trabalhos mais ou menos valorosos automaticamente remete à questão da invisibilidade social (Costa, 2004), que por sua vez associa-se ao conceito de trabalho sujo (*dirty work*). Isso porque “trabalho sujo” foi o termo cunhado por Hughes (1958) para se referir às atividades de pouco prestígio e visibilidade social, em geral estigmatizadas, apesar de serem importantes. Tratam-se de atividades exercidas por grupos estigmatizados pela sociedade em geral, a qual necessita desse tipo de trabalho, mas priva de status aqueles que o executam (Bendassoli & Falcão, 2013).

O trabalho sujo é marcado por estigmas de ordem física, social e moral. O estigma físico diz respeito àquelas ocupações relacionadas ao lixo, morte, fluidos corporais, esgoto ou condições perigosas. Já o estigma social está pautado na expectativa de que os “trabalhadores sujos” mantenham-se em posição de subserviência. Por fim, o estigma moral relaciona-se à execução de uma atividade moralmente reprovável, como a prostituição por exemplo (Ashforth & Kreiner, 1999).

As profissões que se encontram na base da escala moral e psicológica do trabalho são aquelas relacionadas às tarefas físicas, humilhantes, degradantes, com conteúdo considerado “simbolicamente nojento” ou transgressoras dos valores morais (Lhuillier,

2005). Nessa direção, o trabalho sujo, além de marginalizado pela sociedade, tende a ser negligenciado pela literatura relativa às organizações (Ashforth & Kreiner, 1999).

Como exemplo, podem ser citadas as profissões ligadas ao lixo, à faxina, à violência, ao sexo e à marginalidade, ou seja, tratam-se de tarefas que têm por objeto aquilo que é visto como negativo no campo psicossocial e que, portanto, deve ficar na sombra (Lhuilier, 2014, pp.16). Inclusive, há de se considerar o fato de que mesmo um trabalho que confira status àqueles que o executam pode ter em si aspectos que o relacionam ao trabalho sujo (Morriss, 2015), como por exemplo, um profissional responsável pelas demissões dentro da empresa.

Tratam-se de trabalhos cujas tarefas são imprescindíveis à sociedade, no entanto, por serem geralmente compreendidos como “sujos”, são considerados marginais e destituídos de inteligência e criatividade (Celeguim & Roesler, 2009). Dessa forma, designa, sobretudo, o fenômeno vivenciado por trabalhadores de profissões desprovidas de reconhecimento social, status, glamour e com baixa remuneração (Celeguim & Roesler, 2009), como se revelam as mulheres faxineiras.

Considerando o exposto, o objetivo desta investigação reside na compreensão do processo de construção de sentido para o trabalho das faxineiras. Para tanto, a psicossociologia se mostra aliada, uma vez que oferece bases para as reflexões feitas sobre o “trabalho sujo” e a invisibilidade social, os quais caracterizam o trabalho dessas mulheres.

Diante desse objetivo, pressupõe-se ser importante explicitar o que a autora compreende por “sentidos do trabalho”. Dessa maneira, entende-se que os sentidos do trabalho se configuram como princípios mobilizadores da ação humana no ambiente de trabalho, o que significa se referir àqueles aspectos que permitem ao trabalhador “dar conta” da realidade e da rotina de trabalho.

Metodologia

Considerando o objetivo de compreender a construção de sentido para o trabalho das faxineiras, é preciso considerar o papel fundamental que a história de vida dessas mulheres exerce nesse processo. Dessa maneira, acrescenta-se o exposto por Chanlat (1996) acerca da importância da fala para as pesquisas que elucidam a subjetividade, e em consonância com o marco teórico da psicossociologia, entende-se que as trajetórias de vida se revelam como metodologia adequada para se investigar o referido fenômeno.

A utilização das trajetórias de vida possibilita ao pesquisador delimitar um recorte na biografia do sujeito, não necessariamente cronológico. Na medida em que as trajetórias de vida podem ser consideradas como trechos de uma história de vida, cabe ao pesquisador delimitar o tema que vai ao encontro do interesse de sua pesquisa (Gonçalves & Lisboa, 2007).

Enquanto as histórias de vida visam coletar e analisar o discurso dos sujeitos e/ou grupos, trazendo à tona fatores pessoais, familiares e históricos (Pinto, Carreiro & Rodriguez, 2016), as trajetórias de vida propõem a investigação de temáticas específicas dentro das experiências individuais. As trajetórias de vida contam com entrevistas temáticas, enquanto as histórias de vida abarcam o indivíduo em sua própria história, desde a infância até aquele momento da entrevista, passando pelos mais diversos acontecimentos que compõem sua vida. Pode-se dizer, então, que as entrevistas em histórias de vida constituem-se a partir de uma série de entrevistas temáticas, e logicamente, são bem mais extensas (Alberti, 2005).

Como o assunto que norteia esta investigação é o trabalho e o sentido construído para ele, faz-se possível estabelecer um recorte na história de vida dos sujeitos

pesquisados, a fim de captar especificamente suas vivências laborais. Apesar de convergirem em termos de proposta, dando voz ao sujeito e demandando escuta por parte do pesquisador (Barros & Lopes, 2014; (Pinto, Carreiro & Rodriguez, 2016), as histórias de vida diferenciam-se das trajetórias devido ao tempo necessário para operacionalizá-las.

Conclusões

Considerando-se que a maioria das pessoas que ocupam cargos ligados à limpeza, asseio e conservação é constituída por mulheres, presume-se ser fundamental resgatar suas histórias de vida. Isto porque podem haver outros aspectos por detrás desse fato, os quais se encontrariam para além da questão de gênero.

No entanto, é impossível deixar de observar a relação que o trabalho das faxineiras possui com o trabalho doméstico, sendo que ambos podem ser tratados no âmbito do “trabalho sujo”, o qual é desprovido de status e reconhecimento social. Tratam-se de trabalhadoras invisíveis, sujeitas a múltiplas formas de invisibilidade, a começar por serem mulheres.

Salienta-se que já é pressuposto que a faxina seja um trabalho com sentido para as mulheres investigadas, portanto, o que interessa nesta pesquisa é o processo de construção desse sentido. Partimos do pressuposto de que os sentidos do trabalho enquanto princípios mobilizadores não necessariamente se encontram inseridos no ambiente de trabalho. Ou seja, é possível que o trabalhador extrapole o processo de construção de sentidos do trabalho para além das fronteiras deste último, o que vai de encontro à utilização das trajetórias de vida.

Dessa maneira, pressupõe-se que existam determinadas circunstâncias que lançam algumas mulheres ao trabalho como faxineiras, daí o interesse em ouvi-las narrarem suas trajetórias de vida. Afinal, podem haver elementos e circunstâncias apreendidos somente quando se dá voz ao sujeito. Ademais, à ocupação de posições que se encontram na base da pirâmide organizacional é necessário acrescentar a discussão acerca do fenômeno da invisibilidade social, que consiste no desaparecimento e do não reconhecimento do outro em determinado ambiente.

Por fim, considera-se fundamental promover tal discussão sobre o trabalho sujo e sobre a invisibilidade social na área da Administração, especialmente dos estudos organizacionais. No caso dessa investigação, se tratam de mulheres faxineiras, no entanto essa questão da construção de sentido para um trabalho sujo pode ser estendida para imigrantes, travestis, transexuais dentre outros sujeitos em situação de vulnerabilidade e invisibilidade.

Referências

- Alberti, V. (2005). Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV. 236p.
- Amado, G. & Enriquez, E. (2011) Psicodinâmica do Trabalho e Psicossociologia. In: Bendassoli, P. F.; Soboll, L. A. Clínicas do trabalho. São Paulo: Atlas.
- Andrade, S. P. C., Tolfo, S. R., & Dellagnelo, E. H. L. (2012). Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva: Interfaces entre a Administração e a Psicologia. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2), 200-216.
- Ashforth, B. E. & Kreiner, G. E. (1999). "How can you do it?:" Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. *Academy of Management Review*, 24(3), 413-434
- Barros, V. A. & Lopes, F. T. (2014). Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual (Eloisio Moulin de Souza, orgs) Vitória: EDUFES. (296 p.).
- Bendassoli, P. F. & Falcão, J. T. da R. (2013). Psicologia social do trabalho sujeito: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1155-1168.
- Bendassoli, P. F. Gondim, A. M. G. (2014). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 131-147.
- Bendassoli, P. F., Coelho-Lima, F. Pinheiro, R. de A. & Siqueira Gê, P. C. de. (2015). The Brazilian Scientific Production on Sense and Meaning of Work: Review of Use of Terminology and Current Thematic Classifications *Avances em Psicología Latinoamericana*, 33(2), 203-221.
- Bendassoli, P. F. (2009). *Psicologia e trabalho: apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning.
- Bruschini, C. (2000). Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência das discriminações? (Brasil. 1985/95). In Rocha, M. I. B. da. (2000). Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed.34.
- Carvalho Neto, A., Tanure, B. & Andrade, J. (2010). Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos. *RAE-eletrônica*, 9(1), jan/jun.
- Celeguim, C. R. J. & Roesler, H. M. K. N. (2009). A invisibilidade social no âmbito do trabalho. *Interação Revista Científica da Faculdade das Américas*, 3(1).
- Chanlat, J. F. (1996). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 1a ed. – 7ª reimpressão. São Paulo: Atlas.
- Costa, F. B. (2004). *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Rio de Janeiro: Globo.
- Golçalves, R. de C. & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis. Florianópolis 10(esp.) p. 89-32*
- Hackman, J. R., Oldham, G. R. (1976). Motivation through the design of work: test of a theory. *Organizational Behavior and Human Performance*, 16, 250-27.

- Holzmann, L. (2006). Divisão social do trabalho. In: Cattani, A. D. & Holzmann, L. *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.
- Hughes, E. C. (1958). *Man and their work*. Glencoe, IL: Free Press.
- Lhuilier, D. (2005). Le “sale boulot”. *Revue Travailler*, 14, 73-98
- Lhuilier, D. (2014). Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia, Social do.Trabalho*, 17(1), 5-19.
- Lourenço, C. D. S., Ferreira, P. A., & Brito, M. J. (2013). O significado do trabalho para uma executiva: a dicotomia prazer e sofrimento. *Revista Organizações em Contexto*, 9(17), 247-279.
- Mariuzzo, P. (2006). Socióloga discute o desemprego e a questão de gênero no mundo do trabalho. *Revista Inovação*, 2 (5), 1-4.
- Morin, E. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19.
- Morriss, L. (2015). AMHP Work: Dirty or Prestigious? Dirty Work Designations and the Approved Mental Health Professional. *British Journal of Social Work*, 1-16.
- Mow (1987). *The meaning of working*. London: Academic Press
- Ono, M., & Binder, M. P. (2010). Os sentidos do trabalho: estudo com profissionais de TI que atuam por projetos na grande São Paulo. *Anais, 34 EnANPAD*, Rio de Janeiro, RJ.
- Pinto, B., Carreiro, T., & Rodriguez, L. (2016). Trabalhando no "entre": A História de Vida Laboral Como Método de Pesquisa em Psicossociologia. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 941-985.
- Pinto, L. B., Paula, A. V., Lobato, C. B. P., & Boas, A. A. V. (2015). Sentidos do Trabalho - Um Estudo Exploratório com Trabalhadores do Polvilho em Minas Gerais . *Revista Pretexto*, 16(4), 65-81.
- Rodrigues, A. L. & Barrichello, A. (2015). Em busca da substantivação do conceito de sentidos do trabalho: um estudo com profissionais de enfermagem. *Anais, 39 EnANPAD*. Belo Horizonte, MG.
- Spinelli-de-Sá, J. G. & Lemos, A. H. C. (2015). Sentido do Trabalho: uma análise da produção científica brasileira. *Anais, 39 EnANPAD*. Belo Horizonte, MG.
- Tolfó, S. da R., Baasch, D. & Cugnier, J. S. (2011). Snetidos y significados del trabajo: um análisis com base em diferentes perspecticas teórico-epistemológicas em Psicologia. *Universitas Psychologica*, 10(1), 175-188
- Tolfó, S. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19, 38-46.
- Tonon, L., Grisci, C.L.I. (2015). Gestão gerencialista e estilos de vida de executivos. *RAM – Revista Adm. Mackenzie*, 16(1), 15-39, São Paulo, jan-fev.